

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno II

Redacção e administração — RUA GONÇALVES DIAS ns. 54 e 56, Rio de Janeiro — BRASIL

N. 36

BULIÇOSA

Polka de ELIEZER TELLES, especialmente escripta e offerecida á "Revista da Semana"

COMPANHIA DE LOTERIAS NACIONAES DO BRASIL
SEDE: CAPITAL FEDERAL

Rua Nova do Ouvidor ns. 29 e 29A

Caixa do Correio n. 41
Endereço telegraphico — LOTERIAS

GRANDE LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL

Extracção Intransferivel

SABBADO 19 DE JANEIRO
ÁS 3 HORAS DA TARDE

50:000\$000

POR 6\$000

Os bilhetes acham-se á venda nas seguintes agencias geraes :
CAMÕES & C., becco das Cancellas n. 2 A,
endereço telegraphico PEKIN, caixa do Correio n. 946;
LUIZ VELLOSO & C., rua Nova do Ouvidor n. 19, endereço
telegraphico LUZVEL, caixa do Correio n. 817.
Essas agencias encarregam-se de quaesquer pedidos, rogando
a maior clareza nas direcções e só recebem
em pagamento e pagam bilhetes premiados das loterias
da CAPITAL FEDERAL.

Acceptam-se agentes no interior e nos Estados dando-se
vantajosa commissão.

Photographies, vistas instantaneas, desenhos e caricaturas.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada

DO

JORNAL DO BRASIL

Redactor-chefe,

Dr. Fernando Mendes de Almeida

Redactor-gerente, Dr. Candido Mendes

Director-technico, Gaspar de Souza

Assignaturas — Brasil — Por anno (registrada) 36\$000, porte simples 26\$000 — Por semestre (registrada) 18\$000, porte simples 13\$000 — Numero avulso 500 réis.

Os assignantes em conjunto das edições da manhã e da tarde do JORNAL DO BRASIL receberão como premio a REVISTA DA SEMANA.

A REVISTA DA SEMANA é impressa nas officinas de photographia, photogravura, phototypia, zincographia e typographia do JORNAL DO BRASIL á rua do Lavradio n. 150.

Redacção e administração:

Rua Gonçalves Dias 54 e 56

Rio de Janeiro — BRASIL.



RECREAÇÕES

As soluções dos trabalhos publicados no nosso numero passado são: da charada mephistophelica, *Aléa*; da charada casal, *coma—como*; e da charada novissima, *Amalia*.

Jeremias, Glorinha, Descartes e Caligula solveram todos tres.: Lucylia e Dejanira os dous primeiros; Flora e Noemia os dous ultimos; Tatzinho e Juracy os primeiro e ultimo.

Para hoje apresentamos:

CHARADA CASAL (*Descartes*)

2 — Com bastante somno passo,
Logo após a refeição,
E, munido de compasso,
Vou fazer a digestão.

PERGUNTA ENIGMATICA (*Zica*)

2 — Qual o homem que é elevado?

CHARADA MEPHISTOPHELICA (*Bacharel*)

3 — No jogo é verdadeiro este senhor.

TORNIQUETE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 20

N'uma casa em que ha quatro quartos e duas salas.

PROBLEMA N. 21

Com que se deve lavar os crystaes afim de que não se quebrem?

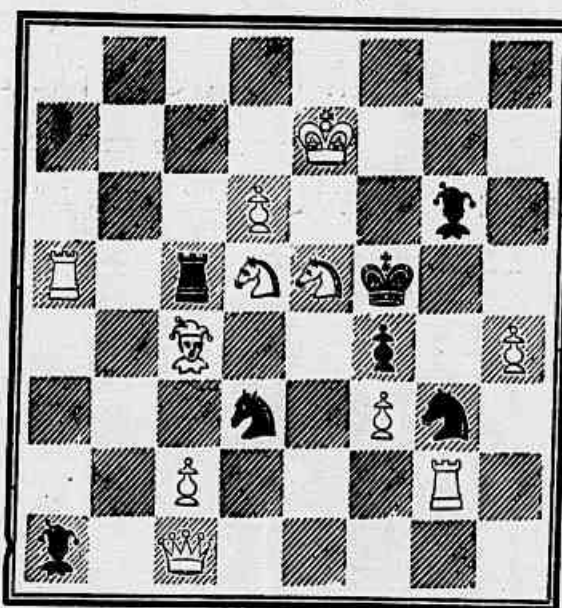
Archimedes Junior.

XADREZ

PROBLEMA N. 29

POR C. E. BRAIN (LIVERPOOL)

Pretas (7)



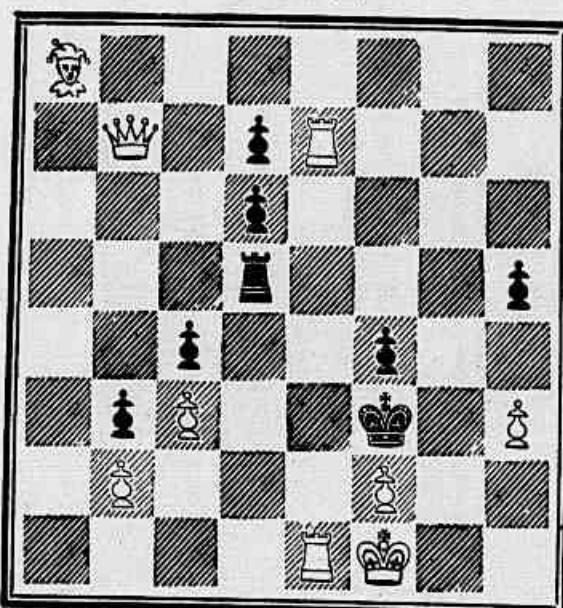
Branças (11)

Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 30 (INVERSO)

POR E. BERTRAND

Pretas (8)



Branças (9)

As brancas jogam e obrigam as Pretas a lhes darem mate em 5 lances.

Solução do problema n. 25

1 D 1 T R R 4 B R
2 D 7 T (x) ?
3 D mate

a

1 — P 4 B R
2 D 1 T D P x P ou 7 B R
3 D 1 T R (m) si B x P
3 D 8 T D (m) si T move-se
3 D ou T (m)

b

1 — T 7 D
2 D 1 C D (x) T 6 D ou 7 B
3 D x T (m)

c

1 — T outra casa ou B x P
2 D 7 T (x) etc

Solução do problema n. 26

1 T 6 B D B 3 R
2 T 6 D (x) C x T
3 C 7 R (x) R x C
4 D 1 T D (m) si 2 R x C
3 D 4 D (x) R 4 B
4 C 7 R (m)

1 — C 3 C R
2 D 3 R T x P ou x C
3 D 5 B D ou P x C ?
4 D T ou P (m)

b

1 — C 7 C R
2 C 4 B D R x T
3 C 7 R ?
4 Mate

e mais variantes obvias.

Do n. 25 enviaram solução certa os Srs. S. R., Lafs, Theo, Salvio, Silvano, A. de Oliveira, Eugenio Agostini, Curioso e Aminadab.

O problema de Dobrusky, que publicamos sob o n. 26, resolve-se tambem do seguinte modo:

1 D 5 T D (x) C 4 B D
2 D x C (x) R 3 R
3 D 6 D (x) R 4 B R
4 C 7 R (m)

a

1 — R 3 R
2 T 6 B D (x) C 3 D
3 T x C (x) R 4 B R
4 C 7 R (m)

b

1 — R 5 D
2 D 6 C D (x) R x C
3 P 4 D (x) R 4 D ou 4 B R
4 C 7 R (m) si 2 R 4 D
3 C 7 R (x) R x C
4 P 4 D (m) si 2 C 4 B D
3 D x C (m)

Esta segunda solução foi-nos enviada pelo nosso illustre correspondente S. R. com a seguinte nota:

«A julgar pelo aparelho das pretas, outra será a solução do autor; mas a que dou resolve cumpridamente o problema. Se ha duas soluções, tanto melhor: é a sorte que merecem em geral, granitos taes».

Publicado pela *Stratégie* n. 8 de 15 de Agosto de 1884, esse problema foi resolvido pelos analysts Fleury e Comedé, que, assim como os demais correspondentes daquela revista, não atinaram com o furo.

E' provavel que mais tarde, tenha sido rectificado o problema; o que é facto porém é que essa rectificação não consta em numeros daquelle anno.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção do JORNAL DO BRASIL, á rua Gonçalves Dias n. 54. «Secção de Xadrez».

Heibas.

DOCUMENTOS E INFORMAÇÕES

As finanças nos Estados Unidos. — Desde 1896, os annos fiscaes, nos Estados Unidos, se saldaram por deficits. O ultimo anno, indo de 30 de Junho de 1899 a 30 de Junho de 1900 se distingue dos quatro precedentes por um saldo de 392 milhões de francos, tendo-se elevado as receitas a dous billiões e 855 milhões e as despezas a dous billiões e 463 milhões.



Camarão-camaleão. — Dous naturalistas, Gamble e Keeble, acabam de fazer um estudo muito curioso sobre um camarão que apresenta notaveis metamorphoses de cor.

Este camarão é encontrado commumente nos mares durante a baixa ao longo das costas e igualmente em aguas profundas.

Sabe-se ha muito tempo que mostra cores successivas, indo de um extremo a outro do espectro e tomando a apparencia exacta das hervas marinhas, em que se agarra.

Além disso, este camarão, achando-se por muitas horas em aguas relativamente profundas, apresenta uma variação de colorido em relação com a variação da espessura da camada liquida, o que o põe assim em

Correndo logo para onde estava Sabina, abraçou-a com dolorosa ternura, e disse-lhe: — Implora a Deus, Sabina! a provação é mais difficil do que pensei.

Sulpicio dirigiu-se ás autoridades; fallou com eloquencia vencedora, defendeu Xavier, respondendo de um animo pelo outro, honra por outra honra. Todos testemunharam ao moço padre vivas sympathias e profundo respeito; mas não lhe responderam sobre Xavier senão palavras evasivas.

— Ah! senhor padre, disse o magistrado, a quem se dirigia o joven ecclesiastico, para salvar vosso irmão, fôra preciso apresentar outro culpado!

— Então, senhor... exclamou Sulpicio. Não proseguir; conhecia o culpado. Vira o seu rosto, sabia o seu nome. Com uma palavra podia provar a innocencia de Xavier e desviar o castigo para a cabeça do verdadeiro assassino. Se tivera a coragem de perdoar ao matador de seu pai, devia deixar accusar seu irmão de uma barbaridade?

Seu dever obrigava-o a sacrificar Xavier para deixar impune João Machu, o galé fugido? O segredo da confissão era tão absoluto que collocado entre a honra e a vida de um dos seus, o padre Sulpicio se sujeitasse a ver sua familia deshonrada e a cabeça de seu irmão cahida do cadafalso, antes de que trahir o segredo de um miseravel? Ainda,

se esse ladrão, se esse homem sanguinario, estivesse arrependido, e prostrando-se ante o padre, apellesse, constricto, para a misericordia divina! mas ao contrario, João Machu representára uma farça ignobil. Servira-se das virtudes de Sulpicio para armar-lhe um laço. Para um tal homem, que se divertira com um sacramento, usára como arma do sigillo imposto ao padre, estava se obrigado como se fôra um penitente commum, sincero, arrependido?

Sulpicio interrogou a si proprio sobre tudo isto, durante um rapido minuto.

Sulpicio sentia o coração saltar-lhe do peito, a cabeça ardia-lhe. Travára-se horrivel combate em sua alma. Com uma palavra podia salvar seu irmão; mas, tambem, uma palavra o tornava perjuro, infiel ao juramento que prestára a Deus e aos homens.

O moço padre enxugou o suor frio que lhe molhava as fontes, e murmurou com voz abafada:

— Asseguro a innocencia de Xavier, mas não me é possivel fornecer provas. Tudo quanto peço agora é permittir-me que o vá consolar.

— Daqui a dous dias, senhor padre, deixará de estar incommunicavel, e as portas da detenção vos serão abertas.

Um momento depois, Sulpicio subia outra vez



RAOUL DE NAVERY

OS IDOLOS

VI

A PROVAÇÃO

A primeira palavra que ella pronunciou foi o nome de Xavier.

Sulpicio prometteu-lhe que em breve havia de vel-o, e sabiu, para tomar informações dos magistrados sobre a possibilidade dos tres infelizes orphãos reunirem-se junto do cadaver do pae.

Foi então que Sulpicio soube que Xavier fôra conduzido por ordem do juiz de instrucção.

Ao principio não comprehendeu, não queria comprehender. O bilhete deixado por Xavier revelou-lhe a terrivel accusação dirigida contra seu irmão!

harmonia com a intensidade luminosa do ambiente mais ou menos enfraquecida.

A atenuação da luz do dia e da noite occasiona-lhe igualmente uma mudança de cor. A medida que as sombras da tarde se estendem, cada individuo da especie perde pouco a pouco sua tinta diurna e toma uma coloração de um azul ceruleo transparente. A metamorphose começa pelo avermelhado, que se transforma em seguida em verde para acabar em um azul celeste.

Cousa notavel: esta metamorphose é tão bem regulada na especie, que tornou-se periodica e se produz mesmo entre os individuos constantemente expostos á luz ou no escuro.

O telephone automatico. — O novo aparelho telephonico ha pouco inventado nos Estados Unidos, tem a vantagem de facilitar a communicacão directa de uma pessoa com outra sem auxilio extranho.

O invento norte-americano dispensa os empregados na repartição central, pois, com a maior facilidade pôde o assignante de uma mesma linha communicar-se com outros 9.000 assignantes ao mesmo tempo, sem o menor inconveniente.

A irrigação com petroleo contra a poeira. — No Congresso das estradas de ferro que se reuniu em Setembro ultimo, entrou em discussão um processo, imaginado em 1897 por Teldpauche, para remediar os inconvenientes da poeira levantada pelos trens em marcha.

O processo consiste na irrigação mechanica da estrada com residuos de petroleo, regagem praticada por trem especial comprehendendo uma locomotiva, um wagon deposito ordinario cheio de petroleo e um wagon de irrigação em que vão um conductor e tres homens.

Amedida que o trem avança o oleo se iscoa pelo wagon deposito nos tres canos collocados sob o de irrigação, a saber: um cano collocado atravez da estrada e tendo o comprimento das travessas, e dous lateraes, um de cada lado do wagon, ligados á canalisação central por encaixes flexives.

O oleo empregado é o residuo da distillação final do petroleo. São precisos cerca de 4.700 litros por kilometros.

Até o presente este processo foi applicado em cerca de 4.000 kilometros de estrada.

E' certo que a suppressão da poeira nas vias ferreas seria vantajosa. Porém é mais urgente acabar-se com a que levantam os automoveis nas estradas empoeiradas, cheias de habitações e povo.

Essa poeira, fluctuando em nuvens que tem apenas o tempo de se dissipar no curso de um dia sobre algumas estradas mais frequentadas dos arredores de Paris, constitue, sob o ponto de vista de hygiene publica, um novo perigo, desconhecido até estes ultimos tempos e cujos effeitos não tardarão sem duvida a se fazer sentir. Em todo o caso constitue um incommodo de primeira ordem, contra o qual seria tempo de se prevenir, seja por irrigações methodicas, seja de outro modo qualquer.

A distribuição d'agua na antiga Roma. — Os hygienistas têm por costume, quando se trata de apreciar os serviços d'agua das cidades modernas, e para humilhar nossa civilisação, citar a munificencia da velha Roma. Ora, no seu discurso presidencial, pronunciado perante a *Institution of Civil Engineers* de Londres, Mausegh destruiu essa legenda.

Qual era então a enorme quantidade d'agua levada á Roma pelos aqueductos? descriptos por Frontinus?

Prony calcula va-a hypotheticamente em 1.400.000 metros cubicos por vinte e quatro horas. Porém Mausegh demonstra o absurdo dessas cifras, que necessitam, nos aqueductos, uma capacidade que nunca tiveram. Já por um estudo minucioso tinha Herschel chegado á conclusão de que o consumo dos nove aqueductos de que Frontinus fala não dava para tanto.

Sabemos além disso por Plinio que esses aqueductos estavam raramente em serviço conjunctamente e que dous ou tres d'elles permaneciam inactivos por causa de reparos, de sorte que pode-se calcular em 144.000 metros cubicos a quantidade d'agua distribuida na cidade.

para o carro que o trouxera, e tornava a tomar o caminho do palacete Pomereul.

Achou Sabina na camara funebre. Por sua ordem, tinham se feito os preparativos do enterro. Ardiam tochas nos quatro cantos do estrado, estava ao pé uma urna com agua benta; repousava um crucifixo sobre o peito do morto, encobrindo-lhe o rosto a sombra dos grandes cortinados, que o tornava irreconhecivel. Algumas jarras de flores derramavam seu perfume no aposento, cuja atmosphera parecia já pesada e irrespiravel.

A moça chorava. Vendo Sulpicio, levantou-se, e fez-lhe a mesma pergunta:

— Onde está Xavier?

— Disse-te que orasses, pedi-te que tivesses coragem. A irmã deve acreditar no irmão, e a christã resignar-se. Ha desgraças que vão além das forças humanas, e para as supportar é preciso pedir a Deus que nos ajude a levar a cruz. Não me interrogues! Nada te posso dizer. Não me peças que dê passos. Não tenho forças, mas Deus alli está, e Deus sabe!

Sabina rompeu em soluços.

Passou-se uma hora desta maneira.

Continuava a moça gemendo, e Sulpicio pedia a Deus um milagre, quando a porta do aposento se abriu sem barulho, e Benedicto Fongerais, pal-

E' pouco, verdadeiramente, se se considerar que muita agua devia ser consumida nos banhos e nas fontes publicas. E' preciso ter-se tambem em conta que a maior parte da população só se servia da agua levada a braços pelos escravos e que além disso, havia numerosas fontes locais.

O transporte do aço americano. — Sabe-se que os grandes lagos da America são ligados pelo lado do Atlantico por uma rede de vias navegaveis, accessiveis a embarcações de grandes tonelagens. Annuncia-se que a possante sociedade metallurgica Carnegie resolveu empregar d'aqui em diante esta estrada para expedir o seu aço directamente para Europa, fazendo-os transitar pelos grandes lagos, o S. Lourenço e o Atlantico, em vez de os fazer ir pela via ferrea de Pittsburg a New-York, porto de embarque actualmente para Liverpool e o continente.

Foi por causa das difficuldades que surgiram com as companhias de caminhos de ferro relativamente ao preço que a «Carnegie Steel & C.» tomou esta resolução.

Começou por fretar quatro vapores inglezes, que vão transportar para Liverpool cada um delles 1.000 toneladas de aço.

Já o *Monkham* acaba de partir directamente para a Inglaterra, do porto de Avonmouth, sobre o lago Erié.

Brevemente desesseis vapores actualmente em construcção nos diferentes estaleiros dos grandes lagos, constituirão a frota especial destinada a estes, transportes.

Os tijolos em Moscou. — Um relatorio do consulado geral da França assignala a carestia de tijolos que se manifesta desde algum tempo em Moscou, em razão do desenvolvimento consideravel das construcções. A fabricacão não é mais sufficiente para o consumo, e os tijolos que se vendiam antigamente por 18 a 19 rublos o milheiro (isto é cerca de 50 francos) valem actualmente 25 66 (francos).

As fabricas productoras estão situadas em um raio de 30 a 40 kilometros; algumas são muito importantes e empregam um material aperfeiçoado, e são dirigidas por Sociedades russas, belgas e francezas. Porém as jazidas argilosas que exploram estão ficando esalfadas e actualmente está sendo empregada uma argila impropria para as fabricações da mechanica actual.

Nestas condições diz o mesmo serventuario que é occasião favoravel para o estabelecimento de novas usinas francezas que fabriqueem materiaes artificiaes, susceptiveis de substituir vantajosamente os tijolos de argila, taes como os de areia, de pedras, de vidro, de cinzas, etc.

Os motores a vapor na França. — Uma estatistica publicada pela secção do trabalho do ministerio do commercio da França sobre a divisão da força motriz a vapor e hydraulica no territorio francez, fixa em 47.680 o numero dos estabelecimentos que possuíam, em 1899, um ou varios motores a vapor, e em 1.436.000 cavallos-vapor, a força total das machinas empregadas nesses estabelecimentos.

Os departamentos em que o uso das machinas é mais vulgarizado na agricultura são os de l'Oise e de la Seine-et-Marne: ali se encontram cerca de sete cavallos-vapor por 100 agricultores.

Na industria o departamento que apresenta maior numero de machinas a vapor é o de Meurthe-et-Moselle, onde ha 76 cavallos-vapor para 100 pessoas.

Vêm em seguida o Pas-de-Calais, o Saône-et-Loire, Belfort e os Vosges, com 50 para 100 pessoas. São departamentos muito industriaes.

O departamento onde as machinas a vapor são menos utilizadas é o de Corsega. Neste departamento só se acham 25 estabelecimentos dispondo de uma força total de menos de 300 cavallos.

O numero dos cavallos-vapor por 100 pessoas occupadas acha-se mais desenvolvido no grupo das minas e da metallurgia, onde é de 107 e 150. Vêm em seguida as industrias chimicas e as do papel.

Sob o ponto de vista da importancia dos estabelecimentos a estatistica nota que um quarto delles não dispõe de cinco cavallos-vapor, e que dous terços só

empregam 20 no maximo. Machinas fornecendo mais de 200 cavallos existem só em 2 % dos estabelecimentos.

Estas proporções indicam que a machina a vapor applica-se commodamente a pequenas industrias e que a concentração dos meios de producção nas grandes usinas não impede a existencia de um grande numero de pequenas officinas.

Essas grandes usinas, porem,, absorvem a maior parte do poder total das machinas, porque a metade deste poder é concentrado nos estabelecimentos de mais de 200 cavallos-vapor e um quarto nos de mais de 1.000.

E' provavel que a creação recente de fortes unidades destinadas á producção de electricidade acelerará ainda mais este movimento de concentração.

Em summa no total dos estabelecimentos a força media é de 30 cavallos; excede a 800 na metallurgia e a 500 nas minas, e attinge pouco mais ou menos a esta ultima cifra nos estabelecimentos industriaes do Estado.

Os omnibus electricos de Berlim. — Acaba-se de abrir, na capital allemã, uma nova linha de omnibus que liga a estação de Stettin á de Anhalt, passando pela Karlstrasse e a Koeniggrätzerstrasse.

Essa linha que pertence á companhia geral de omnibus de Berlim, é exclusivamente servida por vehiculos movidos electricamente. Berlim tornou-se assim a primeira cidade do mundo que emprega a electricidade em linhas de omnibus.

O percurso que é de 4.300 metros se effectua em 24 minutos; o preço para a viagem total é em moeda franceza 0.125f. e para as estações intermediarias de 0.06f. O aspecto exterior e as condições de conforto dos carros nada deixam a desejar.

Ha doze logares com assentos; além disso diversos passageiros podem ir em pé na plataforma de trás.

Os carros são illuminados no interior por quatro lampadas electricas. A energia conservada nos acumuladores chega para um percurso de 15 kilometros. A velocidade varia de 12 a 15 kilometros por hora. Cada vehiculo percorre quotidianamente cerca de 100 kilometros; a marcha é muito satisfactoria.

Duas estações edificadas em cada extremidade da linha servem á carga dos acumuladores.

Tendo dado excellentes resultados essa nova exploracão a companhia geral de omnibus de Berlim dispõe-se a estabelecer outras linhas do mesmo genero para todos os pontos da cidade em que a energia electrica pôde ser utilizada.

A electricidade em Calcuttá. — Calcuttá possui uma importante sociedade de electricidade que explora tres estações centraes, alimentando cerca de 5.000 lampadas. Além da illuminação a corrente é empregada para fazer funcionar entre os assignantes os ventiladores electricos que substituem vantajosamente o *punkah*, indispensavel em toda, a habitação regularmente confortavel. O uso do ventilador é economico, porque permite supprimir as quatro *coolies* necessarias a todo o habitante europeu para assegurar o funcionamento do *punkah*. Como nem tudo, porém, é perfeito a canalisação electrica alli é bastante imperfeita, pois é constituída por fios de cobre nus collocados sobre os postes, o que occasiona muitos accidentes com as tempestades tropicaes.

O Succedaneo do celluloides. — Segundo o *Journal of Photography*, de Londres, o celluloides achou em um novo producto inventado por Cross e Bewan, um rival dos mais perigosos por suas qualidades especiaes, das quaes a mais importante é, evidentemente, a ininflamabilidade.

O *aceto cellulose*, é o nome do novo producto, resiste melhor que o celluloides á accão destruidora dos acidos, e, ao contrario deste, é insolúvel no alcool.

Presta-se por isso a muitas applicações interessantes, particularmente á fabricacão das placas e pelliculas photographicas. As suas qualidades de solidez, unidas ao seu pequeno peso, recommendam-no particularmente para a preparacão dos acumuladores empregados nos automoveis. No dizer dos inventores, parece destinado a desthronar o seu competidor.

lido e tremulo, veio ajoelhar-se entre os orphãos. Recebido na vespera pelo Sr. Pomereul, vinha reclamar sua parte no luto da familia.

Sabina ergueu para elle os olhos obumbrados, Sulpicio apartou-se para lhe dar lugar; nem uma palavra foi pronunciada.

Todos tres ficaram assim mergulhados em uma dôr, que custoso seria avaliar. De tempos em tempos, Sulpicio recitava um psalmo, deixando cahir, golla a golla, as grandes esperanças da fé nos corações magoados. O clamor de sua alma subia até Deus nos gritos do Rei-Profeta; depois um soluço, em que se confundiam amargas saudades, reperculia pelo aposento.

Durante esse tempo, uma scena quasi tão dolorosa passava-se no salão do palacete, na sala de jantar, pois todos os logares da casa achavam-se progressiva e successivamente invadidos.

Perto das onze horas, depois da justiça ter acabado seu trabalho, o secretario particular do Sr. Pomereul, Marcos Mauduit, entrou para cumprir a sua tarefa diaria. Consta ella da leitura da correspondencia, da cobrança do dinheiro e da escripturação da parte mais reservada da contabilidade.

O Sr. Pomereul dava grande importancia a Marcos Mauduit, de quem elogiava a exactidão, reserva e bom procedimento. Com effeito, o moço,

correctamente vestido, de voz agradável e olhar intelligente, inspirava sympathia. Contudo, pôde ser que estes signaes que nunca enganam os physionomistas, levassem estes a modificar um pouco a estima que o negociante lhe dedicava. A bocca era apertada e no olhar havia um pouco de astucia. Já dissemos, porém, que esses pormenores desapareciam no todo.

Marcos Mauduit esbelto e de estatura elegante, trazia com distincção um vestuario aprimorado, mas sem affectação. Gostava da fina roupa branca e da perfumaria delicada. Motejavam-no ás vezes pelo cuidado que tinha no penteado, mas respondia, rindo-se, que devia occupar-se disso mas do que ninguém, para attenuar a indecisão da cor do cabello com o esmero do alisamento e a correccão do risco.

Os criados, que não o estimavam muito, mostravam-lhe, contudo, certo respeito.

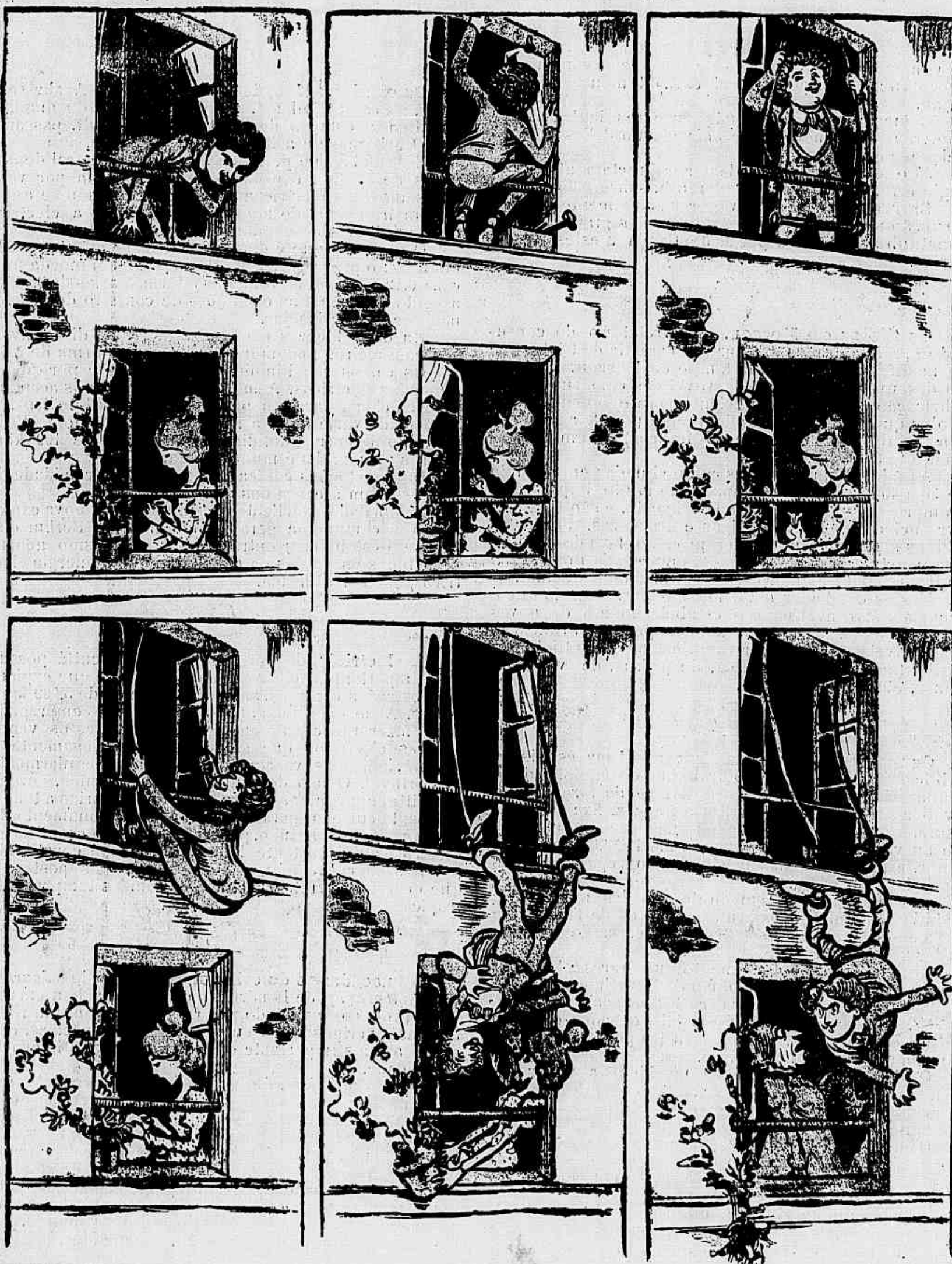
Xavier, sómente, tinha contra Marcos Mauduit uma especie de odio, facil de attribuir, talvez, á comparacão que o Sr. Pomereul por vezes fazia entre os defeitos de prodigalidade e desordem de seu filho e a regularidade de vida de seu secretario.

Quando Marcos Mauduit passou pelo quarto do porteiro, este abriu a porta e perguntou-lhe com voz acabrunhada:

UMA TRANSFORMAÇÃO, por Fertom



GYMNASTICA AMOROSA, de Radiguet



TRABALHOS DE LUXO

Gravuras finas e impressões artísticas no
Rio de Janeiro

As oficinas typographicas e
Agraphicas do JORNAL DO
BRASIL e da REVISTA DA SE-
MANA — rua Gonçalves Dias 54
e 56 — imprimem por preços
extraordinariamente modicos
e com a maior nitidez e bre-
vidade: libros, obras illustra-
das, catalogos, albums, jor-
naes, folhetos, cartazes, gra-
duras, mappas, musicas,
chromos, diplomas, menus,
programmas, rotulos, annun-
cios, cartões, contas, memo-
randa, almanaks, folhinhas,
etc., etc...

Especialidade em
galvanos artisticos

O material das officinas é
todo de primeira ordem e os
productos importados directa-
mente são de primeira quali-
dade. Caracteres das fundições
DEBERNY e TURLOT; tintas
da casa LORILLEUX. Prelos
especiales para a typogravura e
impressões de tres cores (con-
struidos para a actual Exposi-
ção de Paris).

GRANDE ATELIER PHOTOGRAPHICO

Laboratorio de gravura chimica

OFFICINA DE SIMILIGRAVURA
E PHOTOGRAVURA

Grande e variada escolha
de tipos, flordões, epfeites e fantasias

— Então, nada sabe, Sr. Mauduit?
— O que? Cheguei agora. O que ha?
— O Sr. Pomereul foi assassinado esta noite.
— Assassinado, por quem?
— Por quem? Não se sabe. Conhece a justiça;
é preciso que ella prenda sempre alguém, embora
depois solte aquelles que prendeu, e por isso levou
o Sr. Xavier.
— Ah! exclamou Marcos Mauduit.
Nada accrescentou, mas parecia vivamente com-
movido.
— Isso o admira; ápezar de tudo estou sor-
prehendido. Póde-se jogar, gostar de cavallos, do
diabo a quatro, sem ser capaz de semelhante crime.
Não julga assim?
— Eu! Afiançaria a innocencia do Sr. Xavier.
— Tem razão, Sr. Marcos, e isso lhe é honroso.
— Mas, vólou o secretário, quando uma des-
graça destas fere uma família, ápezar da con-
sternação, é preciso cuidar de muitos detalhes. Já
se cuidou do enterro?
— Não se cuidou em nada, senhor. Todos estão
aturdidos e pezarosos.
— Não incomodarei o pezar dos filhos, con-
tinuou Marcos Mauduit, vou sómente entender-me
com Baptista, e saber d'elle no que posso ser útil.

Marcos Mauduit subiu as escadas do palacete,
e achou o criado particular na sala de jantar.
— Meu pobre Baptista, disse ella, não posso pou-
par ao Sr. padre Sulpicio senão as providencias in-
dispensaveis. Abi está um cadaver, e é preciso carias
de participação, um feretro e condução do enterro;
penso que cumprirei um dever indo satisfazer as
formalidades legaes na policia e prevenindo os
operarios da fabrica de Charenton. Perco um pro-
tector, um segundo pai, na pessoa do Sr. Pomereul;
elle reconhecerá lá de cima, que procuro piedosa-
mente honrar sua memoria.
Baptista approvou a dedicação do mogo, e este
dirigiu-se á policia, depois á reparação das pompas
fúnebres, e de lá a Charenton.
Quando os operarios souberam a terrivel morte
do Sr. Pomereul, foi geral a desolação entre elles.
Não sabiam o que lhes ia acontecer, privados
d'aquelle que tão suave lhes tornára a vida de tra-
balho, tão honrosa e querida a vida de familia.
Os velhos, que ainda se lembravam d'elle mogo,
e cujos cabellos haviam alyejado junto com os seus,
enxugavam amargo pranto. Lembravam-se todos
de um acio de beneficencia, de um rasgo de gene-
rosidade desse excellent homem.
Se ainda elle tivesse fenecido lentamente, se
a morte fosse em seguida de longa doença, mas

assassinado, elle! Um clamor de odio contra o ho-
micida succedeu á primeira explosão de espanto e
de saudade, e, quando o nome de Xavier foi pro-
nunciado, irromperam na officina formidaveis ana-
themias.

— Não é possivel! disse um operario moco
que vestia com certo accio, póde-se ser pandego,
gostar dos bons jantraes e theatros, mas não é isso
motivo para ir tão longe, qual!

— Vae-se, longe, pois não! replicou um cinze-
lador velho, lentamente, e sem que se sinta... a va-
dição leva á embriaguez... gasta-se, ao principio,
o dinheiro ganho, depois o emprestado, por fim o
que se furta! Não digo isso do Sr. Xavier! com a
breca! Pois ao Sr. Xavier, vi ainda pequenito, e
gostava tanto d'elle com a sua carinha rosada, mas
a li, que gostas de casacas á moda e desdenhas a
blusa; a li, que lês folhas mais vermelhas do que
azues e joga o bilhar em cafés equivocados; nada
vale isso, meu rapaz! Ora, mas nesse andar, se
acontecer qualquer fracasso por perto, cahe-te em
cima, por descuido... O Sr. Xavier, estou certo
que não assassinou seu pai, mas tinha má vida...
reunem-se indícios, quasi provas, e Deus sabe como
elle escapará.

(Continúa)

Photographias, ris'tas instantaneas, desenhos e caricaturas

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Redactor-gerente, DR. CANDIDO MENDES — Redactor-chefe, DR. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA — Director-technico, GASPAR DE SOUZA

Anno II. — N. 36

DOMINGO, 20 DE JANEIRO

Numero: 500 réis



A *Revista da Semana*, apresentando-se garridamente vestida aos seus numerosissimos admiradores, toda liré, demonstra os esforços feitos para que se mantenha a melhor publicação deste genero no Brasil.



MARTYR S. SEBASTIÃO
Padroeiro da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro
(Redução de uma oleographia fornecida pela Casa Sucena)

A SEMANA EM REVISTA

BRIZA perfumada das montanhas! Quem nos dera gosar os teus beijos esvoaçando, como borboletas invisíveis, por entre as ramagens farfalhantes das serras iluminadas por um sol esplendoroso, que não caustica como este, sob cujo incêndio nos achamos, nesta Sebastião de greve de lixeiros e de incineração do papel-moeda nas machinas da Alfandega!

Briza consoladora das montanhas! Para desfructar as tuas delicias faz-se necessario actualmente que se possua ao menos algumas inscrições do Banco da Republica ou accões de outros estabelecimentos de credito, embora abalados pela crise financeira e economica do momento.

Veraneiar em Petropolis ou Friburgo significa hoje desperdicar sommas fabulosas, — loucura a que se podem entregar apenas os nossos pequenos Rothschilds da actualidade de cambio a 9 ou pouco mais.

Os que labutam dia a dia para a acquisição do necessario á subsistencia de amanhã, empunhando a penna de jornalista, vergados sobre o Rasão e o Diario no lançamento de verbas complicadas, nas officinas, no fóro, nas repartições publicas, no desempenho da alta missão de médicos esses não poderão fugir á inclemencia do verão senegalesco, que tem transformado a bella cidade de Mem de Sá em uma Tornado satânica, como se a Providencia tivesse estabelecido para nós um novo *funding loan*, cujas clausulas nos obrigassem a ser queimados vivos pelas labaredas desse sol deslumbrante em apothéose immortál no concavo azul do firmamento azul, inteirico, sem a mancha sequer de uma nuvem algodoadá, que faça recordar os *nimbus* do inverno triste, cheio de nevoas, escurecendo a paisagem omnipotente dos nossos montes verdejantes, que servem de moldura ao quadro gigantesco da vasta e incomparavel bahia da Guanabara.

Briza fagueira das montanhas! Nesta época de torpe mercantilismo, até tu estás sujeita ao mercadejamento. Vales ouro, vales muito dinheiro, embora sôpres livremente roçando a coma das arvores, refrescando a athmosphera tropical, como se fôras um halito divino.

— Olha esta, dizia ella. Não é pequena, não é elegante. A grande! Pergunta o preço, meu querido, sim? Isso não obriga a comprar.

Hyppolito, que era tímido, e de uma timidez aggravada pela consciencia da sua modesta posição, hesitava: a linda Sra. Doz o animava: nos seus olhos pardos transluzia a febre da avidez.

— Vamos, não te hão de comer!
E quando voltava, confuso, balbuciando:
— Pedem quinhentos e cincoenta francos. Ella dizia com convicção:

— Não é muito caro. E, accrescentava: Tu m'a comprarás, não é, meu amor? Se não m'a comprarés para commemorar o decimo anno do nosso casamento, adoeçerei, ficarei tão triste! Pensarei que não me amas; e, de veras, não me amas, sinto-o, pois mostras pouca vontade de dar-me este gosto!

Hyppolito abaixava a cabeça, como fazem os fracos; muito namorado de Fancy, não respondia ás suas exprobações. Oh! elle desejaria ardentemente comprar a pulseira, porém, quinhentos e cincoenta francos era quantia importante para uma familia de poucos haveres.

Muitas vezes mexia com os dedos como quem calcula.

— O que fazes, meu bem? perguntava-lhe a mulher. Pensas em dar alguma coisa á tua querida? Ouve, eu quizera mandar fazer um vestido, um vestido a teu gosto, azul, como preferes! Se me comprarés a pulseira, privar-me-ei do vestido.

Elle objectou timidamente:
— Não me dissesse que os meninos precisam de roupa, e que as calças de Etillo estão curtas?

Ella respondeu:

— Isso não tem pressa, eu as concertarei.

Então, como o caracol que esconde a cabeça e as antenas, Hyppolito mettea-se na concha. Meditava, perplexo.

— Dar-lhe-ia isso tanto prazer! Mas por outro lado a razão, a prudencia...

Um dia, Fancy, gyrando em camisola pelo quarto, ao sair do banho, disse-lhe com ar grave:

— Eu contribuirei para a compra da pulseira, dar-te-ei parte do dinheiro; que dizes!

Hyppolito olhou para ella, admirado.

— Ah! faço mal murmurou Fancy. Esse dinheiro que economizei vintem por vintem dos gas-

Não temos posses para ambicionar a ventura dos teus perfumados encantos!... Permaneceremos aqui, na continua lucta pela existencia; ameaçado de vez em quando por uma greve pouco azeiada, de cisco exposto ao sol, a desprender miasmas, que infeccionam o ar respirado por quasi um milhão de habitantes.

Cada um deve contentar-se com a sorte que Deus lhe deu...

Talvez no futuro possamos respirar-te, ó brisa eterna das montanhas!

A PULSEIRA

A Sra. Doz almejava ter uma pulseira no dia anniversario dos dez annos do seu casamento. Seria por pensar havel-a bem merecido por ter consagrado tantas horas e cuidados ao seu marido, á economia domestica, a vestir e passeiar os filhos?

Como quer que seja, ella exigia uma pulseira, e não uma pulseira de prata, mas de oiro massico, em forma de barbella, grande, com élos pesados e solidos.

Porém, isso custaria caro e Hyppolito meneava a cabeça, quando se tratava do assumpto.

Poderiam?
O anniversario aproximava-se e Hyppolito não se decidia. A Sra. Doz estava impaciente. Quando sahia com elle, fazia-o parar deante de todas as joalherias.

tos da casa, esperava que nunca o soubesses; mas o que queres, sou muito boa, muito tola! Vejo-te tão triste; vou dar-te cem francos do meu dinheiro: é tudo quanto possuo: não penses que economizei mais. Queres? Servirão para ajudar a pagar a pulseira.

Hyppolyto estendeu a mão, porém Fancy declarou que ella mesma pagaria ao joalheiro.

— Ouve, iremos esta tarde, ao saires do escriptorio. Quanto mais penso, tanto mais desejo essa pulseira. Entraremos, e eu a provarei, assim como quem não quer a cousa. Isso não nos obriga a compral-a.

Nessa tarde, como nas precedentes, pararam ambos em frente á vitrine do joalheiro.

— Oh! alli está! exclamou Fancy. Olha, é realmente bonita. Como brilha! Entremos; mas não a compres, não digas nada, deixa que eu a regateie!

Entraram na loja. A Sra. Doz pediu que lhe mostrassem a pulseira, collocou-a no seu pulso, admirou-a amorosamente, soprou-a, acariciou-a, fel-a brilhar com gestos tão gentis que mesmo o joalheiro, homem gordo e calvo, deixava-se captivar pelo encanto de Fancy, e sorria-lhe affavelmente.

Ella contava prevalecer-se dessa seducção e perguntou:

— Quanto custa esta pulseira, senhor! Quatrocentos francos?

— Quinhentos e cincoenta, respondeu o joalheiro, suavemente.

— E' muito caro!

Elle sorriu, com olhar languido.

— Não, senhora, não é caro. Assenta-lhe muito bem, é trabalho delicado; vendendo-a por esse preço ainda perco; porém, á senhora, deixo-a por quinhentos e quarenta francos!

Perplexa, ella olhava para o marido.

— Ainda é muito caro! não é? perguntou-lhe com meiguice, hypocrisia ardilosa na voz.

— Realmente é caro, sim! murmurou o marido; mas se te causa muito prazer...

Elle parecia resignado e triste, como um homem que pensa: « Eu não teria prazer em passeiar com uma barbella de oiro no pulso! Mas de gosto e de cores... »

— Então, disse ella, decidindo-se, fico com a pulseira. Paga, meu amigo.

Hyppolito tirou a carteira, olhando para a mulher.

— Ah! sim, é verdade? Não tens bastante, e tirou do bolso, lentamente, uma carteirinha e tomou os cem francos.

Eis, disse suspirando.

Pediu o recibo, admirando a pulseira que, na verdade, produzia bom effeito sobre a sua pelle.

Logo que sahiram da loja:

— Então, estás contente?

— Oh! meu querido, exclamou ella com vivacidade, como és bom!

Beijar-te-ia, se não estivessemos na rua.

Cinco minutos depois, parou sob um reverbero e examinou a pulseira.

— E' curioso, disse, eu a suppunha maior.

Será a mesma que vimos hontem?

— Certamente, minha querida.

— Sim! é muito, mas muito bonita, respondeu.

Cinco minutos depois parou de novo para ver se o fecho estava seguro.

— Pode dar-se o caso que não seja solida? disse com gesto de duvida.

Ao jantar, perguntou:

— Então, de veras te parece bonita?

— Sim, e a ti?

— Oh! estou muito satisfeita... mas suppunha a maior...

E accrescentou, com expressão de novo desejo nos olhos:

— Sabes? no proximo anniversario, daqui a dez annos, o que desejo é um anel de brilhantes verdadeiros com uma perola no meio.

Seguiu-se um curto silencio e Fancy concluiu por estas palavras bem femininas:

— Desejar é tão divertido!

Paul Marguerite.

ESTRELLA SOLITARIA

BRILHANTE estrella solitaria que eu contemplo todas as noites a tremeluzir no horizonte, como um olhar celeste e enamorado volvido para a terra, porque me fitas insistentemente quando, á janella do meu quarto, no silencio magestoso da noite, me entrego á saudade do passado e parece que vivo nelle, transportado pela imaginação, como se sonhasse desperto n'um extasi dolorido de recordações suaves?

O teu clarão dulcissimo banha-me a fronte, invade-me o cerebro, despertando nelle pensamentos deliciosos que me torturam, porque voam para



INAUGURAÇÃO DA CANOA WALKIRIA DO CLUB DE NATAÇÃO E REGATAS (Phot. Bastos & Dias)



A CANOA WALKIRIA ANTES DE CAHIR NA AGUA, NA ILHA DO CATALÃO (Phot. Bastos & Dias)

longe, para muito longe, em busca de um bem que já desapareceu, — sonho de um instante, dissipado pela crueldade do perpassar dos annos, cuja lembrança perdurará eternamente na minh'alma como restea de luz de um cirio mortuario...

Porque me fitas, scintillante estrella, nas horas de consoladoras melancholias?

Ah! se pelos teus raios pudesse subir o meu espirito até ás regiões desconhecidas onde brilhas, como diamante raro do diadema da noite!

Fulgurante estrella! Companheira da minha solidão! Sei porque não me abandonas! Luzias solitaria no firmamento illuminado quando entre as moitas de um jardim ouviu-se o rumor do meu primeiro beijo de amor, meus labios tremulos collados aos labios della, que eu perdi para sempre, para sempre...

Silvio Cancio. ✓

CHRONICA DA ELEGANCIA

PARIZ, 29 de Dezembro de 1900.

O saber não occupa lugar — é um dos dogmas da philosophia popular.

Mas, se ha nessa sentença um justo apreço á intrucção, della se desdobra tambem um importante ensinamento, isto é, que a verdadeira sciencia tem por dever fazer-se pequena, ou por outra, ser modesta o quanto possivel.

Esse cavaco vem a proposito de uma das grandes manias a que a humanidade está sujeita.

Para que uma moça seja prendada muita gente hão exige apenas que saiba piano e canto.

E d'ahi um verdadeiro martyrio para os nossos ouvidos.

Cortamos muito por largo dizendo que apenas uma decima parte das moças que *sabem* cantar e tocar piano, estão no caso de merecer a attenção de um publico que não seja a propria familia.

E são estas exactamente as que menos praça fazem de seus conhecimentos.

De modo que, quando em qualquer reunião se ouve pai, mãe, irmão ou amigo de qualquer *virtuosi* propôr a audição de um *morceau* ou d'uma *romanza*, podemos contar com cacetada velha e rija.

Ainda não ha muitas noites em uma reunião elegante, fui testemunha ocular de um facto destes, do qual se originou a presente chronica.

Tinha acabado de executar ao piano uma das mais bellas fantasias de Saint-Saens, o joven Duparc, que terminou com enorme successo o curso do Conservatorio e, quando ainda echoavam os entusiasticos applausos por elle alcançados, uma das senhoras presentes lembrou que sua filha podia tambem entreter por alguns instantes o auditorio.

A dona da casa quiz parar o golpe dizendo que talvez não tivesse musica conhecida por ella, mas o pai, immediatamente, saccou do bolso da casaca um rolo de papel, como prompta resposta á objecção.

E o sacrificio consumou-se.

E toda aquella elegante sociedade teve um

mão quarto de hora, para não fugir ás regras da etiqueta.

Como é no novo seculo que se fundam agora todas as esperanças, esperamos que elle não livre tambem desse insupportavel martyrio.

Colinette. ✓

OS PHILOSOPHOS ESTOICOS

ESTES philosophos foram assim chamados por causa do portico *Estoa* na cidade de Athenas, onde faziam as suas reuniões.

O fundador d'essa seita foi Zeno, natural de Citio, na ilha de Chypre.

Os seus principaes dogmas eram que a bem-



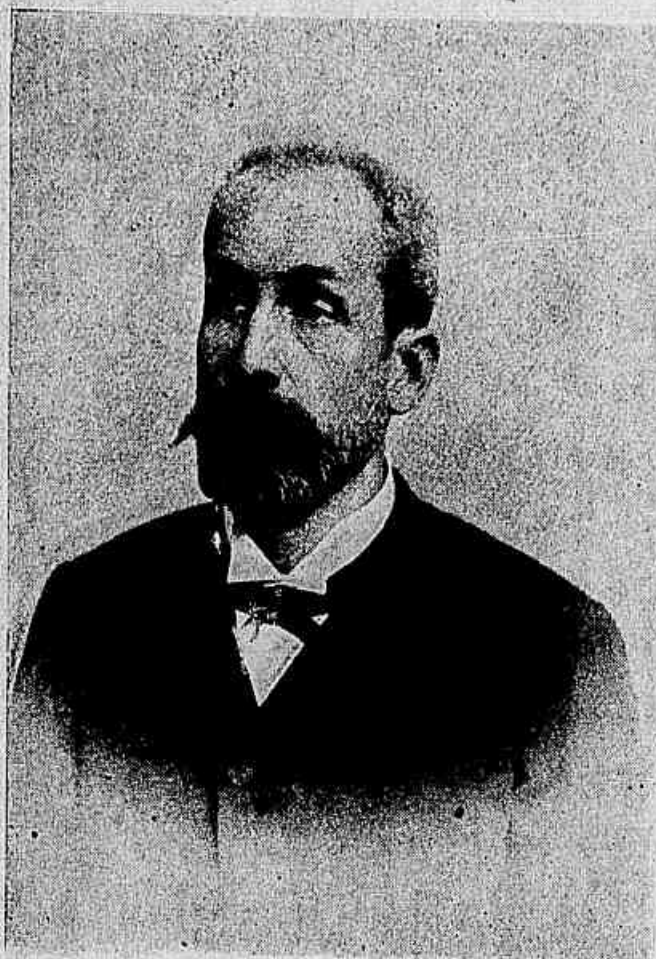
SOCIOS DO CLUB DE NATAÇÃO E REGATAS, na ilha do Catalão, preparando-se para uma corrida em saccos (Phot. Bastos & Dias)



GRUPO DE SOCIOS DO CLUB DE NATAÇÃO E REGATAS por occasião do convescote na ilha do Catalão (Phot. Bastos & Dias)

ASYLO GONÇALVES DE ARAUJO

Fundado e administrado pela Irmandade do S. S. da Candelaria



JOÃO JOSÉ DE SAMPAIO BARROS
Secretario da Irmandade do S. S. da Candelaria



COMMENDADOR JULIO C. DE OLIVEIRA
Provedor da Irmandade do S. S. da Candelaria



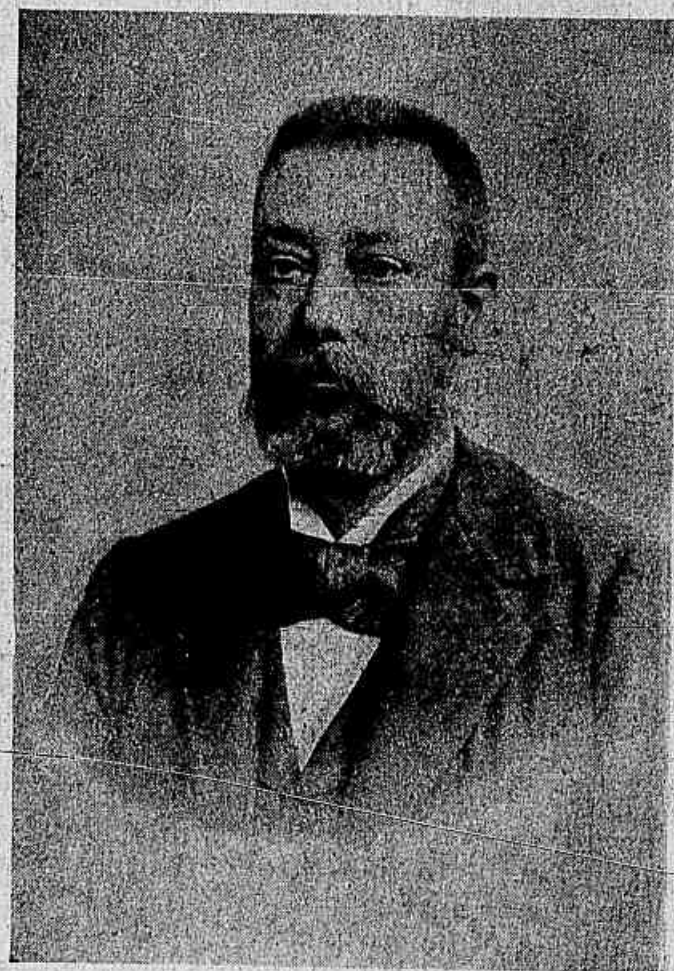
DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO
Director do Asylo Gonçalves de Araujo



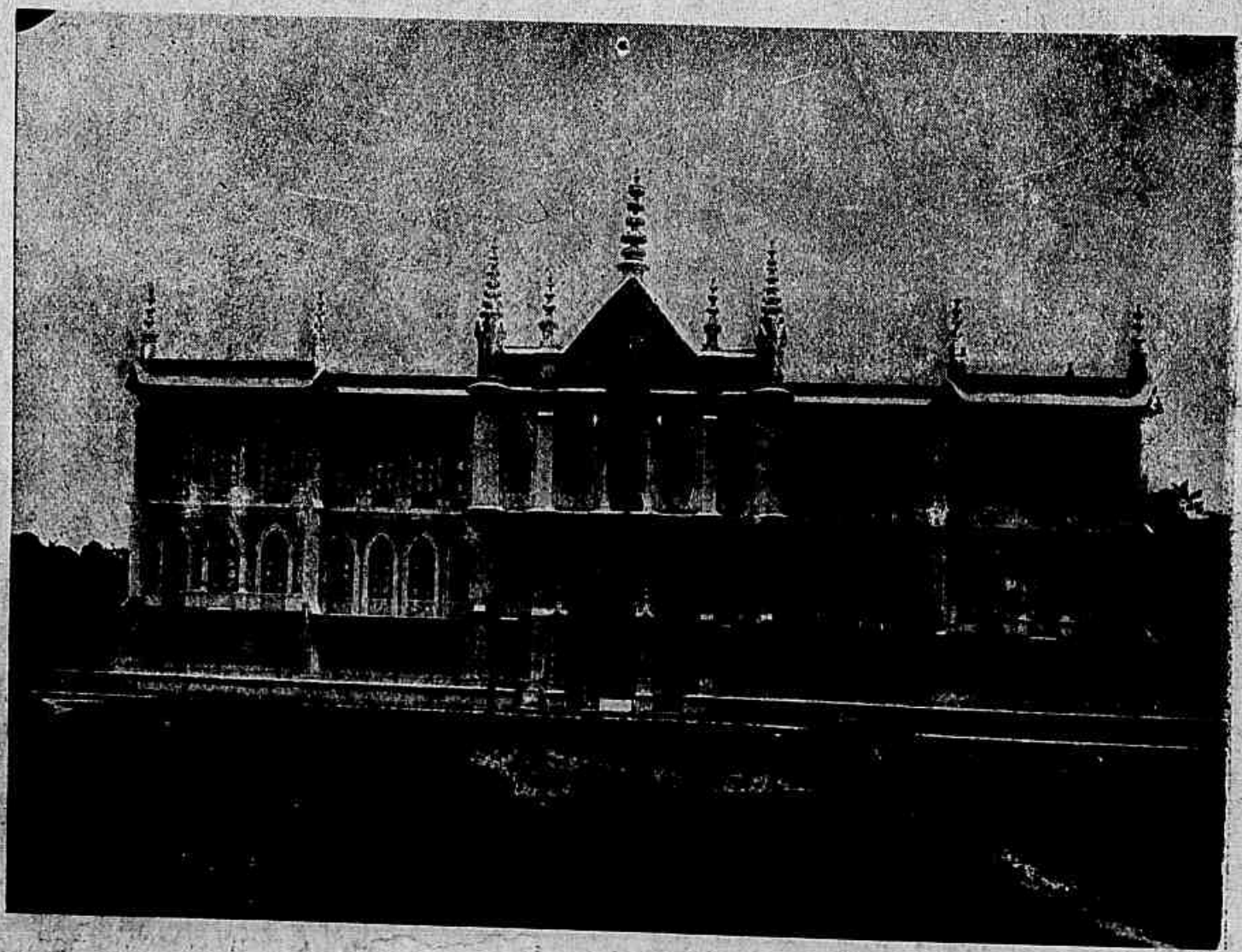
DOMINGOS JOSÉ FERNANDES MALMO
Procurador da Caridade e Asylo Gonçalves de Araujo



ANTONIO JOAQUIM PEIXOTO DE CASTRO
Thesoureiro da Caridade e Asylo Gonçalves de Araujo



BENTO JOSÉ LEITE
Secretario da Caridade e Asylo Gonçalves de Araujo



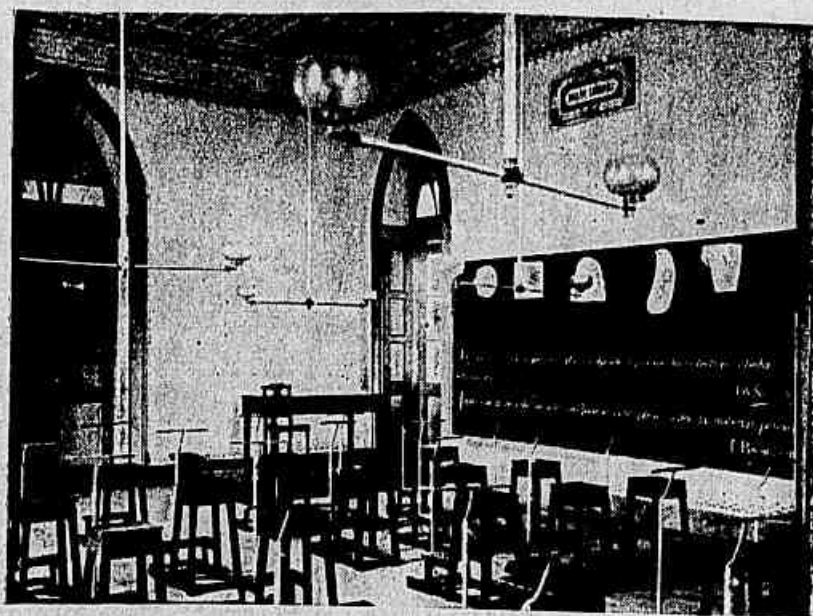
FACHADA DO EDIFÍCIO DO ASYLO GONÇALVES DE ARAUJO, NO CAMPO DE S. CHRISTOVÃO

enturança desta vida consistia em viver segundo as leis da natureza, reguladas pela boa razão; que apesar de todas as desgraças ou fortuna, o homem amigo da virtude podia viver feliz no meio dos tormentos; que havia um só Deus e que todos os nomes e epithetos dos deuses dos gentios eram títulos com que os gregos queriam significar os attributos do verdadeiro Deus; que tudo neste mundo succedia por uma fatal necessidade tão inevitável, que atava ao proprio Jupiter as mãos; que todos os vícios eram eguaes e que tão grande peccado era matar um boi como um homem e um rustico como um rei; que era licito tirar-se a si mesmo a vida; que uma parte do saber consiste em ignorar o que não é necessario saber; que pouca cousa dava a uma obra a perfeição, ainda que não fosse a perfeição pouca cousa.

Professavam os estoicos um grande rigor, aspereza da vida em tudo quanto podia abalar as paixões e mover os sentidos; porém não lhes ensinou seu mestre a ser totalmente insensíveis aos attractivos de amor, porque dizia Zeno que se ao sabio não convinha amar, não haveria creaturas mais infelizes que as mulheres formosas, porque só lhes poderiam querer bem os tolos.

Cahiram os estoicos em muitos erros, que os platonicos e peripatheticos sabiamente combateram.

O maior de todos e o mais contrario á doutrina christã foi o de crer e ensinar que Deus era a alma do universo e o universo o corpo dessa alma e que o universo como corpo e Deus como alma compunham conjunctamente um perfeito animal.



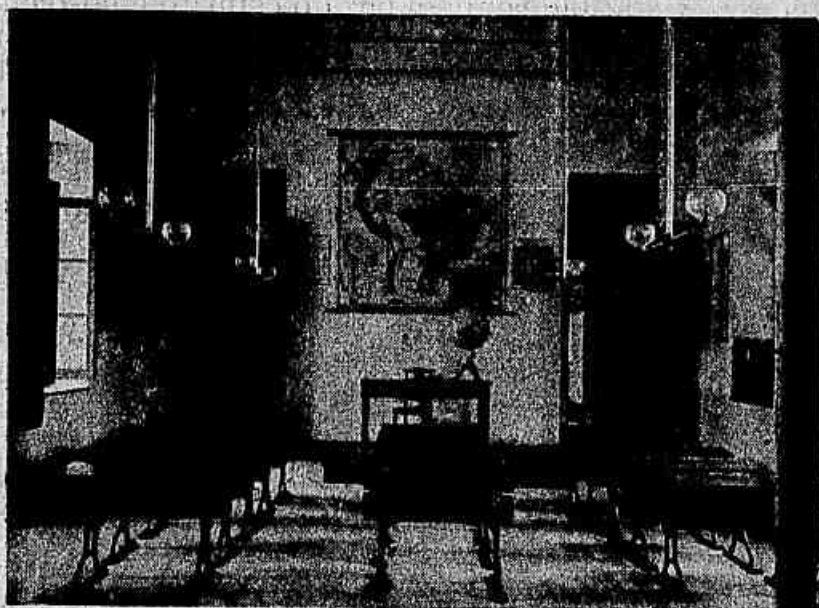
Sala Rodolpho Bernardelli
Aula de desenho do Asylo Gonçalves de Araujo

A ESTATISTICA

VAE ter uma imperdoavel lacuna esse recenseamento que se está agora apurando: — Eu não figuro nelle!

Não figuro, palavra de honra! e creiam que só o não fiz por um imperioso dever de consciencia.

Aprendi desde pequeno que a resposta deve ser dada no caso em que se faz a pergunta e foi isso que me impossibilitou de corresponder ao appello feito pelo governo de meu paiz, a quem respeito e considero, como um cidadão pacato que sou.



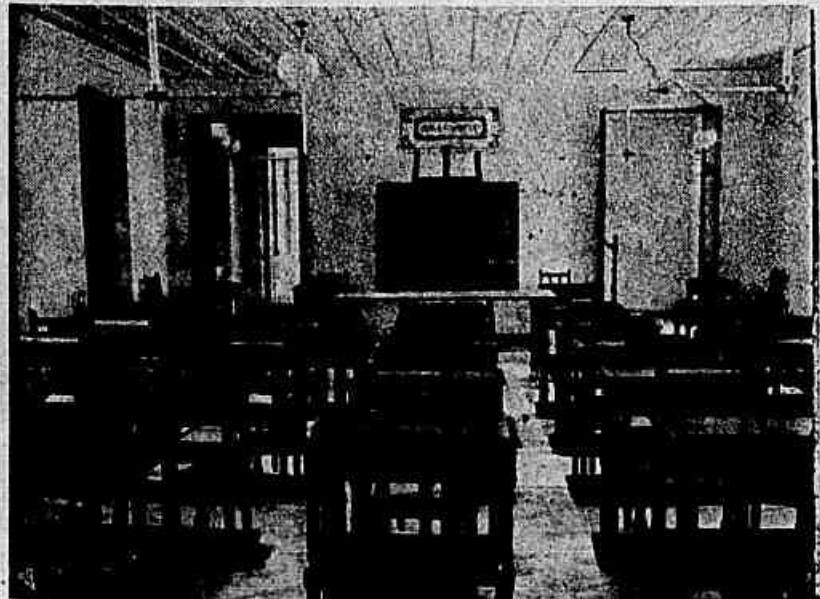
Uma das salas do curso primario do Asylo Gonçalves de Araujo

Em vista das listas e boletins que recebi a unica interpretação logica e que eu pude tirar era que se tratava de uma estatistica de somno e não de uma estatistica de vida.

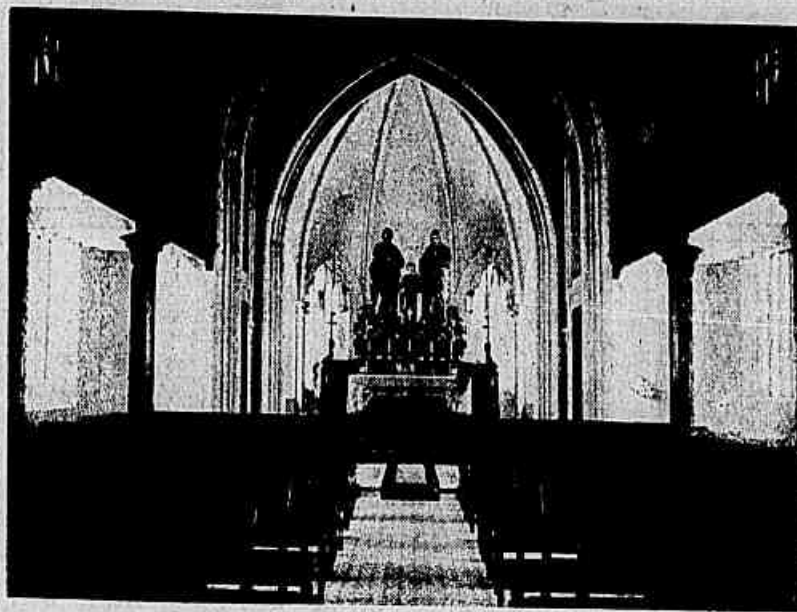
Eu só poderia inscrever-me na casa em que tivesse dormido na noite de 31 de dezembro de 1900 para 1º de Janeiro de 1901, isto é, onde dei o salto do seculo XIX para o XX.

Ora, succedeu exactamente que nesta noite eu não dormi em minha casa, nem dormi na casa do vizinho, nem na de qualquer parente, amigo ou conhecido, como também não dormi em qualquer casa suspeita.

Passei a noite na rua, esperando pelo Novo Seculo, acompanhei o farrancho do povo que vagava pela cidade e fui depois ouvir a missa no largo do Paço.



Sala Baroneza Bernardo Pinto
Aula de costura do Asylo Gonçalves de Araujo



Interior da capella do Asylo Gonçalves de Araujo

Por que meio podia eu pois entrar no reterido recenseamento?

Suppoz a principio que me pudesse apadrinhar com o final da instrucção I do Boletim, declarando-me ausente, mas vi logo depois que ella só podia caber aos que estavam fóra do seu districto e eu infelizmente não sahi do districto em que móro

A estatistica póde, portanto, alcançar toda a população do Brasil, menos eu, ha de faltar-lhe sempre uma fracção.

Isto me causou um grande dissabor, porém ao mesmo tempo me tirou de um grande embaraço.

O boletim individual exigia que eu confessasse os meus defeitos physicos e não imaginam a vergonha que eu teria de dizer em publico que sou: —desdentado, calvo, vesgo, tenho a pontinha do nariz virada para o lado direito, uma mancha preta no hombro esquerdo, já preciso de oculos para ler letra miuda, possuo na testa o signal de uma pedrada que levei em pequeno, na perna direita a cicatriz de uma tremenda canellada, sou canhoto e... guardo o resto por modestia.

Zut.

O RAIO

O RAIO é o phenomeno pelo qual as electricidades athmosphericas denominadas contrarias, de que são carregadas duas nuvens ou uma nuvem e o sol se combinam e encontram no ar produzindo o relampago e o trovão.

A identidade da faisca e das descargas electricas é quasi reconhecida desde meados do XVIII seculo. Franklin nos dá uma excellente demonstração pratica em que se reconhece uma nuvem tempestuosa e, portanto, carregada de electricidade, com o auxilio de um papagaio de papel munido de uma ponta de metal.

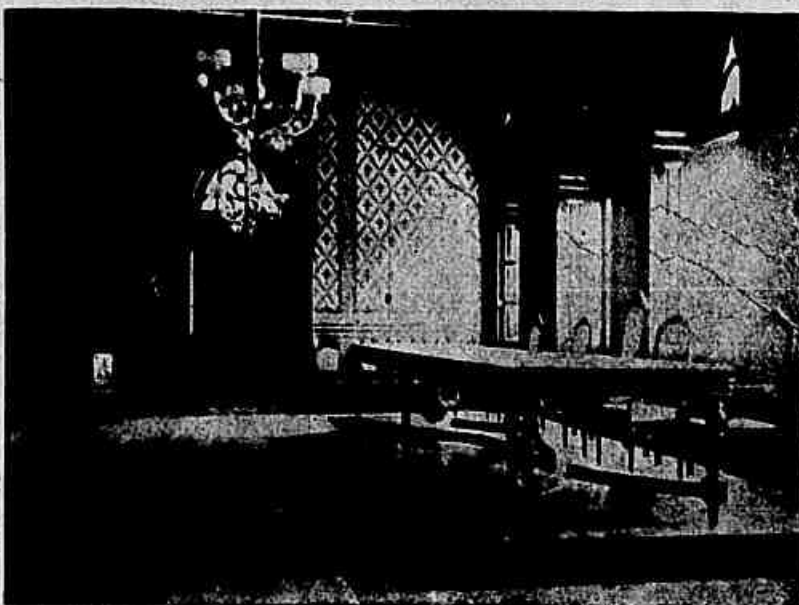
O relampago, que dispõe de muitos kilometros de extensão, raramente é rectilíneo sendo em geral sinuoso (zig-zagueado) ou arborescente. Nada mais interessante que uma bella collecção de photographias de relampagos.

Só assim ver-se-ia a variedade de formas sob as quaes se apresenta essa manifestação electrico-atmospherica.

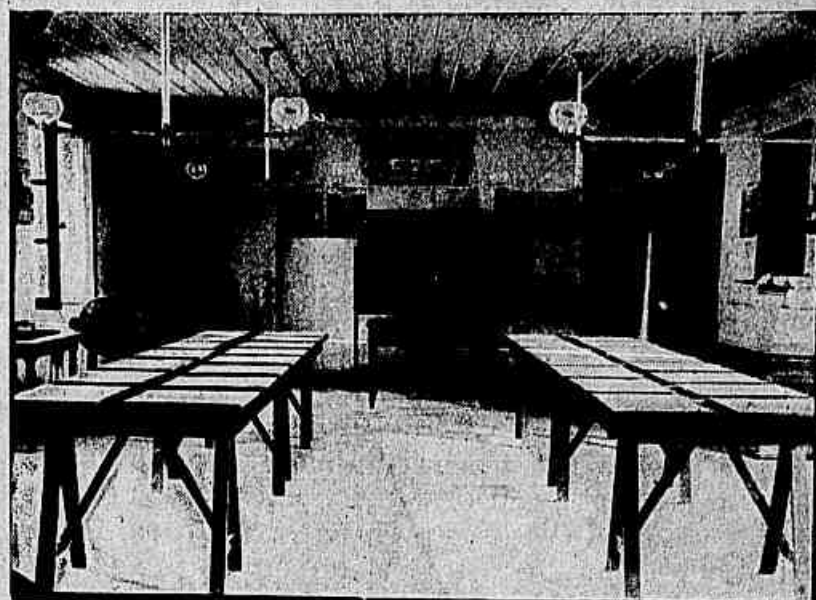
O relampago em circulo é formado por uma immensidade de pontos luminosos semelhante ao rastro de fogo produzido por uma corrente electrica sobre uma superficie humida.

A's vezes esse relampago se apresenta do feitio de uma grande bola de fogo que se desloca de um modo assaz curioso.

O relampago diffuso ou em diversas partes, que abrange um espaço consideravel do firma-



Salão de honra do Asylo Gonçalves de Araujo



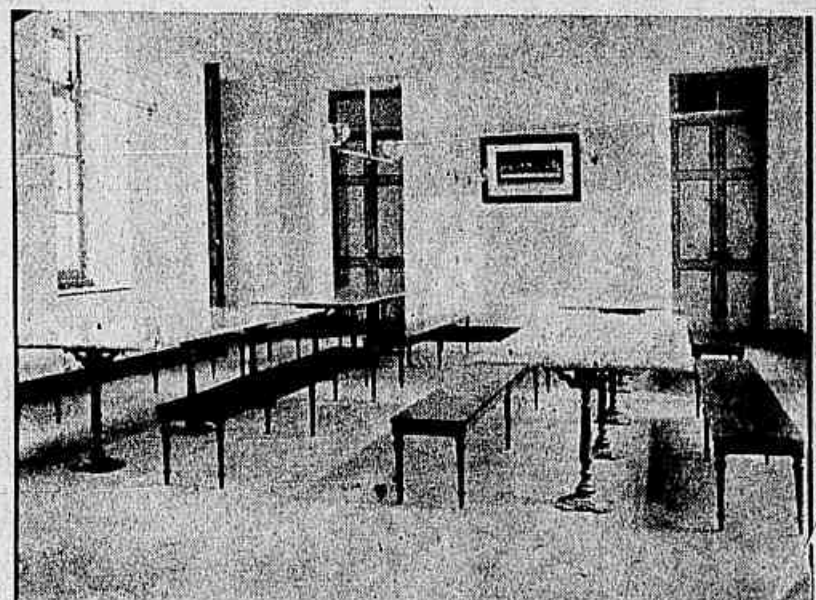
Sala Visconde de Mauá
Trabalhos manuaes, no Asylo Gonçalves de Araujo

mento, produz-se quando as faiscas espalhando-se atraz da nuvem fazem apparecer pequenas linguas de fogo, illuminando fortemente a mesma nuvem.

Chamam-se relampagos de calor, finalmente, os provenientes de tempestades longinquoas, das quaes não se percebem directamente os clarões, devido á forma espherica da terra, distinguindo-se porem, a sua luz pelo reflexo da athmosfera. O ruido do trovão, que, nesse caso, acompanha o relampago não chega até nós.

Como o som percorre cerca de 340 metros por segundo, para saber-se a distancia que mede entre a terra e a nuvem tempestuosa, basta contar os segundos que medeiam entre o relampago e o ruido do trovão e multiplicar em seguida por 340.

Em geral o ruido do trovão so é ouvido a uma



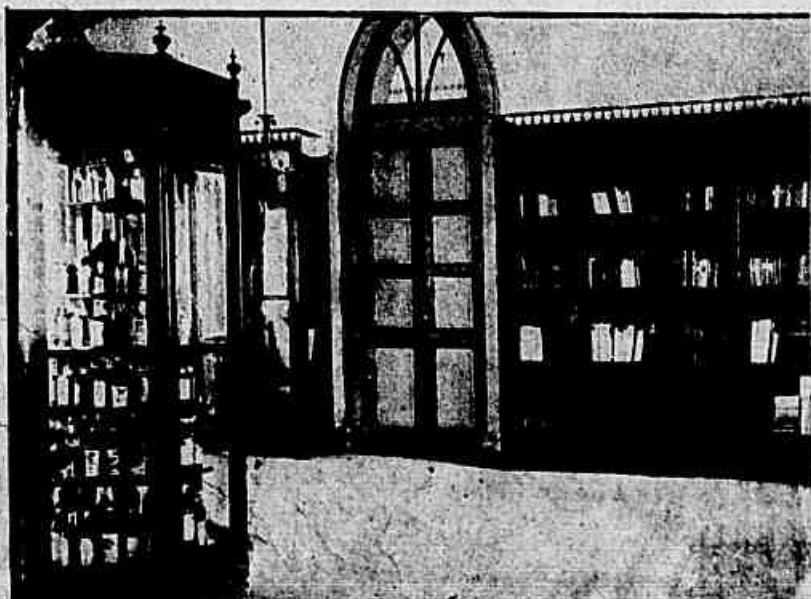
Uma das salas do refeitório do Asylo Gonçalves de Araujo

distancia de 20 a 25 kilometros e só em circumstancias especiaes, á beira mar, por exemplo, pode ser ouvido até uma distancia de 50 kilometros.

As singularidades do raio fizeram-n'o objecto de innumeras observações e estudo.

A's vezes contenta-se como por divertimento a quebrar a cruz de um campanario de igreja ou a flecha da torre de alguma casa de campo; outras entra pela janella de uma casa, percorre todas as dependencias desta sem causar o menor damno e sae por onde entrou; em geral, porem, queima e destroe tudo quanto encontra no seu caminho, inflama materias combustiveis e fere e mata homens e animaes.

Um dos effeitos mais curiosos é o dos signaes que o raio deixa na pelle humana, representando arvores, paysagens, passaros, etc.



Sala da bibliotheca do Asylo Gonçalves de Araujo

No peito de dous individuos mortos pelo raio, em 1868, debaixo de um telheiro, foram encontrados desenhos perfeitos de grandes folhas.

Em seis carneiros mortos pelo raio a parte interna da pelle de cada animal representava o desenho fiel da frente do corpo attingido pela faísca.

A 9 de Junho de 1883 um rapaz surprehendido pela tempestade refugiou-se em baixo de uma grande arvore; attingido pela faísca cahiu fulminado. Quando o levantaram viram-lhe pelo corpo desenhos perfeitos dos ramos da arvore em baixo da qual tinha-se abrigado e que pareciam verdadeiras copias photographicas!...

E como estes uma immensidade de casos semelhantes provam os caprichos da faísca electrica.

Em casa de um lavrador inglez o raio entrou por uma janella, attingiu um copo que se achava em cima de uma mesa e tornou a sair por onde tinha entrado; verificando os danos causados viu-se que a caprichosa faísca tinha cortado cerca de dous centímetros do copo, na parte superior, da forma de um anel, de modo a poder-se liral-o e collocar-o á vontade.

Tyndael cita o caso de uma senhora que estando a fechar uma porta durante uma trovada teve uma pulseira de ouro, que trazia no pulso direito, depedagada pelo raio, sem, comtudo nada soffrer além do grande susto.

A faísca parece ter o privilegio ou a grande delicadeza de respeitar o sexo fraco. As estatisticas são accordes em demonstrar que sobre quatro pessoas mortas pelo raio, são tres homens e uma mulher.

Este facto singular só é explicado pelo vestuario adoptado pelas mulheres, o qual é mais amplo e, portanto, menos impregnado de suor e de humidade que o vestuario masculino.

Citam-se até numerosos exemplos de mulheres salvas ao lado de homens fulminados pela faísca.

Sem negar esta explicação parece-nos comtudo mais razoavel a seguinte: é que nos campos, onde dão-se com mais frequencia mortes pelo raio, é maior o numero de homens que o de mulheres a trabalhar.

A maior parte das victimas do raio são feitas em baixo das arvores ou em pleno campo, raro nos domicilios e rarissimo na cama.

Os cyclistas pareciam invulneraveis ás faíscas, por causa, dos pneumaticos; ultimamente, porém, têm havido provas do contrario.

A accção da faísca sobre as arvores tem provocado muitas discussões. Umas vezes ella limita-se a descascar completamente o arbusto, outras corta-lhe alguns ramos, ás vezes as inflamma, outras ainda, parte a arvore ao meio de alto a baixo.

Contrariamente ao que se diz uma arvore póde ser attingida muitas vezes pelo raio, se por acaso tiver brotado novamente o que acontece frequentes vezes.

OS THEATROS

Terminou a sua serie de espectaculos a companhia Holmer, que promette visitar-nos ainda este anno.

Continuam trabalhando regularmente o *Moulin Rouge* e a *Guarda Velha*.

Para os ullimos dias desta semana estão annunciadas importantes novidades, taes como: primeira representação da *Inana*, no Recreio; inauguração dos trabalhos da associação dramatica do Lucinda; reabertura do Alcazar Parque; festa em beneficio da gentil Enriqueta Guerrero e estréa da formosa Carmencita.

A seu tempo fallaremos de tudo isso.

P. V

UMA GRÈVE

A PRIMEIRA idéa que elles tiveram foi um desses duellos á americana, medonho, terrivel, feroz, em que não se fazem mutuas concessões nem ha tregoa possivel.

Dos seis somente um devia ficar com vida.

Logo depois, porem, veio a reflexão.

O caso era realmente para tio extraordinario morticinio?

Não e não! pensou o mais sensato. E as suas observações cahiram como uma bacia de agua fria por sobre aquelles cerebros escaldados.

E de rivaes que eram logo se sentiram amigos pelo infortunio que os ligara.

Já não era de sangue que elles tinham sede... era de vingança.

Sim! uma vingança atroz, inaudita, que trouxesse com a punição da ingrata, doce consolação para o soffrimento que consumia a todos elles.

— Se nós fizéssemos uma *grève*? lembrou um.

— O caso tinha de certo muita graça! observou o outro.

Habituada como está ao intretenimento que o nosso namoro lhe offerece, havia de sentir extraordinariamente.

E a *grève* foi votada por unanimidade.

Um delles, que era supplente de autoridade policial, encarregou-se de procurar o chefe de policia para o convencer de que a *grève* era pacifica.

Quem é que não tem medo de pata de cavalaria e de bala de revólver?

E logo ali foi assignado o manifesto, communicando á ingrata a resolução em que estavam de não voltar ao trabalho.

A resposta não se fez esperar.

« Se pensam que me pregam peça enganam-se. Com os outros seis que me restam o serviço se fará regularmente, enquanto eu preencho as vagas existentes ».

La Vertu.

O IDEAL

O HOMEM tem aos vinte annos uma lyra em seu coração, que preludia os harmoniosos harpejos de amor em cadencias celestes, animados pelos canticos serenos dos seres angelicos que lhe adormecem o espirito.

Quando o seu olhar distraído se volve para qualquer dos lados da extensa natureza que se lhe apresenta emmudecida e variada o seu ideal lhe fere a vista, lhe rouba a paz do espirito e fal-o curvar-se ao pezo da saudade que, mansamente, vem colher dos seus olhos uma lagrima e do coração um triste suspiro que ali estava, desde então captivo ao seu amor.

E' nessa occasião que a alma parece chorar rememorando o passado. Em cada sorriso cheio de



MODAS DA SEMANA — ULTIMOS FIGURINOS



TYPOS FLUMINENSES — O QUITANDEIRO (Amador A. Osorio)



GLADY DE GLEVÉS

Cantora «à diction» do Alcazar Parque

tristesa que os seus lábios, fracamente dilatados, deixam passar, elle, ao emvez de sacudir a dor imensa que o acabrunhava, fica em extase torturante como enlevado pelas idéas que lhe passam no cerebro, como se estivesse preso ás suaves evoluções de um sonho interminavel.

O ideal que anima a alma e que ao mesmo tempo revigora os peizados grilhões é a primavera da existencia que o homem julga infinita, que supõe interminavel. E, em cada hora que o tempo se evolue na marcha suave das leis impostas pela Divindade, o homem eleva o seu espirito até os mais altos pontos da sua fantasia e mentalmente escuta a historia de um poema que o coração lhe descreve, e que o torna incapaz de externar o que sente e o que escuta.

Nunca as madrugadas approximam o seu despertar sem que encontrem em seus lábios o nome a que a sua alma se captivou e o sorriso constante que elle promette a esperança para realisação dos seus desejos. Em cada objecto que o rodeia, no ar que respira, trazido pela viração longinqua que baixa do azul do firmamento, elle vê o encanto dos seus sonhos, a flor que perfuma o seu leito, a estrella que reflecte os seus raios na alma que alimenta o seu espirito em meio de celestes devaneios; sente-se ainda seduzido pelos canticos de harmonia que o fizeram adormecer, e em cada uma das cadencias que se aninham em seu espirito, ainda percebe claramente o nome do ente amado que é o seu santelmo o seu ideal.

A's vezes a esperança o torna duvidoso. Chamas de desespero parecem lhe subir ao cerebro; o azul do céu se lhe afigura camadas de nuvens engrossadas pelas ás da natureza; o perfume das flores imita perfeitamente o queimado do incenso. E enquanto recebe as nervosas contracções do seu cerebro, os choques violentos do seu coração, a alma somente busca reanimá-lo e o afasta do turbilhão de pensamentos que elle proprio fantasiou para o seu tormento!

Depois — baixam do espirito todos os negrumes de males que o feriram. E as lagrimas que lhe aqueceram o rosto, sorvidas uma a uma pelos sorrisos do coração, logem lentamente enquanto que o seu peito aperta em segredo a imagem constante dos seus sonhos, o vivido ideal a que elle se captivou. Nesse volver de idéas, nesse constante solimento que lhe amargura o peito, o valor do seu coração se reanima, a esperança desdobra o manto prateado das luzes fagueiras que o tranquillisa com brandura, prometendo toda a realisação dos seus intentos, os vinculos seguros de um futuro de amor fagueiro e ditoso.

O ideal é a reanimação constante da nossa rapida existencia.

Aos vinte annos o homem busca uma felicidade para contrabalançar as contrariedades da vida e pedindo ao amor um throno onde possa collocar as venturas do coração, colhidas na voragem que vive em seu espirito, elle se julga ditoso porque todas as venturas do amor sobrepujam as contrariedades da sorte tentando afastá-lo das glorias que constantemente sonha, quer adormecido, quer nos instantes dos seus constantes labores.

O ideal é a vida da alma e para que esta viva contente é necessario que a harmonia que preludia os harpejos do amor em cadencias celestes nunca se quebre de encontro ao desespero ou ao desanimo dos nossos intentos.

Julio Peixoto. ✓

SCENA SERTANEJA

OLÁ, de casa! gritou o Joaquim á porta do rancho do Manuel.

A noite era tempestuosa; chovia a cantaros e fortes relampagos, seguidos do ribombar da trovada illuminavam o espaço.

— Olá, de casa! gritou novamente Joaquim.

— Quem é? perguntou então uma voz.

— Oh! homem! Abre depressa que estou morrendo alagado!...

A porta da palhoça abriu-se.

— Você por aqui a essas horas e com esse tempo?

— Ora, o que quer? Vim da casa do Tio Antonio, que está quasi vae não vae e a chuva pegou-me no caminho.

Que tempo damnado!

— Mas o tio Antonio está doente?

— Não amanhece, com certeza.

Uma maldita cancelleira que não deixa o homem respirar...

— Coitado! Você não quer um trago para aquecer?

— Venha de lá um tragosinho.

— E' especial do engenho do Freitas.

— Depois o café...

— Sim; vou mandar a Florinda preparar.

E o Manuel entrando no quarto accordou a mulher para accender o fogo e voltou com a garrafa de caninha.

— Magnifica! disse o Joaquim depois de provar. Mais outro trago, que isso faz bem á gente... A trovada augmentava.

Os relampagos succediam-se quasi sem intervalo e o bramar dos trovões fazia lembrar monstros imaginarios que se degladiassem pelo espaço n'uma luta invisivel e feróz.

— Dessa vez o mundo vem abaixo!

— Deixa chover, homem!

A roça estava precisando de agua. O milho agora vem forte...

— Eu não me importo com a chuva, mas os relampagos...

— Fé em Deus, homem! Esta casa é abençoada por elle porque aqui todos estão protegidos pela sua misericordia.

A Florinda, uma sertaneja rolica, de 40 annos pouco mais ou menos, rosto jovial, appareceu trazendo o saboroso e fumegante café.

— Bem vinda seja, Sra. D. Florinda! exclamou o Joaquim.

— Não posso ser Bemvinda porque sou Florinda, seu Joaquim, respondeu ella rindo dessa pilheria que uma vez lhe disseram na villa e conseguiu guardar na memoria, repelindo-a sempre que se lhe offerecia occasião.

— Que café delicioso! Vamos beber mais outro trago, seu Manuel, para não constipar.

Nesse momento ouviu-se o baque ruidoso de uma grande arvore perto do rancho e logo um trovão medonho abalou o espaço.

Os tres ficaram estatelados, olhos esbugalhados, muito pallidos.

Fôra um raio que abatera um grande jeque-tibá...

Lydio Severo. ✓

O BEIJO...

MEIO dia. Sol a pino, dardejante...

Soprava uma aragem branda que fazia tremular a folhagem das grandes e pequenas arvores do jardim e do pomar.

Antonina acabara de almoçar e fôra sentar-se em um banco, sombreado por um jasmineiro, cujas flores se esolhavam ao calor da temperatura, para continuar a leitura do *Guarany*, de Alencar, começada na vespera.

A elegante joven trajava um vestido leve de cassa e seus cabellos negros, soltos pelas espaldas, faziam pensar nessas deliciosas pinturas de artistas célebres representando a virgem da noite pairando no espaço entre as estrellas, a cabelleira revolta, corpo arquejado, meiga, formosa, pensativa...

Abriu as paginas do livro; leu algumas paginas com o maximo interesse, e á poesia doce, suave, encantadora que se exala desse romance incomparavel, foi deixando pender a fronte, como sugestionada por força mysteriosa e adormeceu calmamente.

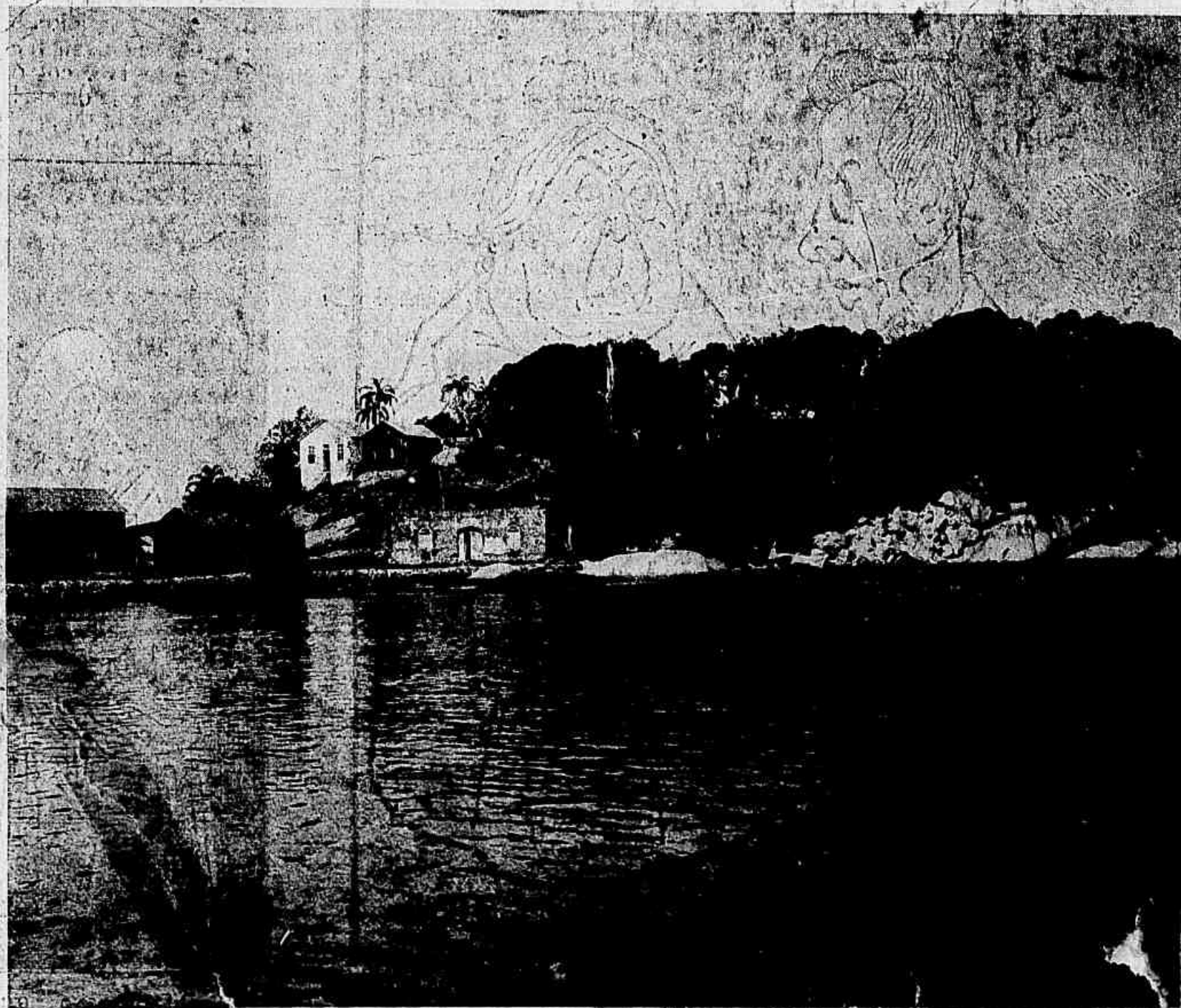
Nesse momento um colibri travesso esvoaçava pelo jardim, doudamente a beijar essa e aquella flor, sorvendo o mel de seus pequeninos calices.

A avesita, (oh! que gracioso engano!) vendo os lábios da moça, purpurinos, frescos, cheios de vida, julgando que fossem petalas avelludadas de uma rosa cara, sempre a voar, inconstante e ligeiro, tocou-lhes com o biquinho rapidamente e... fugio.

Antonina despertou, julgando que estivesse a sonhar.

Tão candida, tão pura, que se cobriu de pejo, por ter recebido, mesmo adormecida, o beijo de um colibri petulante...

Pedro Felisberto. ✓



A ILHA D'AGUA, NA BAHIA DE GUANABARA (Phot. Bastos & Dias)

SONHANDO

LIGEIRAMENTE cansada pelo passeio, embevecida ainda pelas mil palavras de amor que tinha ouvido, foi gentilmente recostar-se um pouco, no abandono completo de si mesma.

Os lábios carminados entreabriam-se graciosamente, deixando ver a immaculada alvura que lhe cantava nos dentes, e, embora fatigada, scismava, succedendo-se desordenadamente os seus pensamentos, na incoherencia desalinhavada de um sonho.

Alguna recordação mais cara lhe sobreviera por certo, que os lábios immoveis até então contrahiram-se um pouco para se illuminarem depois n'um sorriso que desabrochava.

Uma aventura talvez em cuja relembração se deleitasse a sua imaginação de moça?

Não sei...

O vago sorriso, que lhe brincava nos lábios, tinha a sinistra apparencia de um esgarço, e, quem sabe, alli deitada, não antegozava o despeito de um admirador menos feliz, as supplicas inatendidas de algum apaixonado?

Dorme agora e aos poucos se impallidecem as rosas de suas faces, morre em seus lábios o sorriso que os enflorava.

Sonha e murmura palavras incompreensíveis, na embriaguez do somno, sons inarticulados, inextricaveis enigmas.

No emtanto ha de ser-lhe agradável sonhar, porque a sua vida de delicias e venturas não lhe pôde causar um sonho menos doce.

E continua a sonhar por muito tempo ainda, incompreensivelmente a falar, até sorrir-se por fim, voluptuosamente, povoando o espaço com a caricia de seu amor crystalisada em beijos.

F. de Arcovêda. ✓

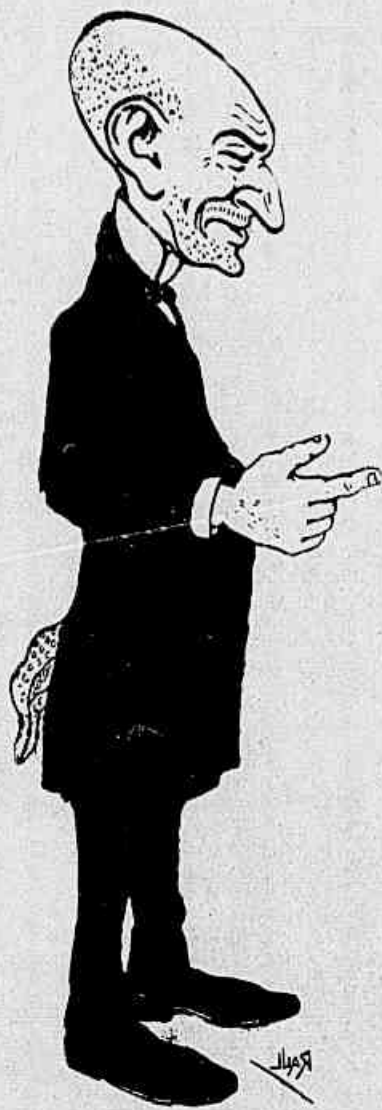
MANIAS DE ORADORES

O HOMEM de grande força intellectual ou de organização physica mais activa não consegue assentar os pensamentos sem distracção senão dando ao corpo algum exercicio que parece indifferente, mas que é necessario.

Ha exemplos até que provam que o orgão completo da faculdade intelligente não manteria a indispensavel actividade nas almas mais energicas se não tivessem uma tal ou qual distracção.



— Mas para que serve tanto rolo de arame?!
— Puro symbolismo, Senhora. Quer isso dizer que na Africa o rolo está por um fio...



COGITANDO

— Tudo que se *contrahe* fica reduzido, como diabo as dividas que vou *contrahindo* vão augmentando?!

Plutarco diz que o grande Pompeu, quando falava esfregava de continuo a testa com o dedo minimo.

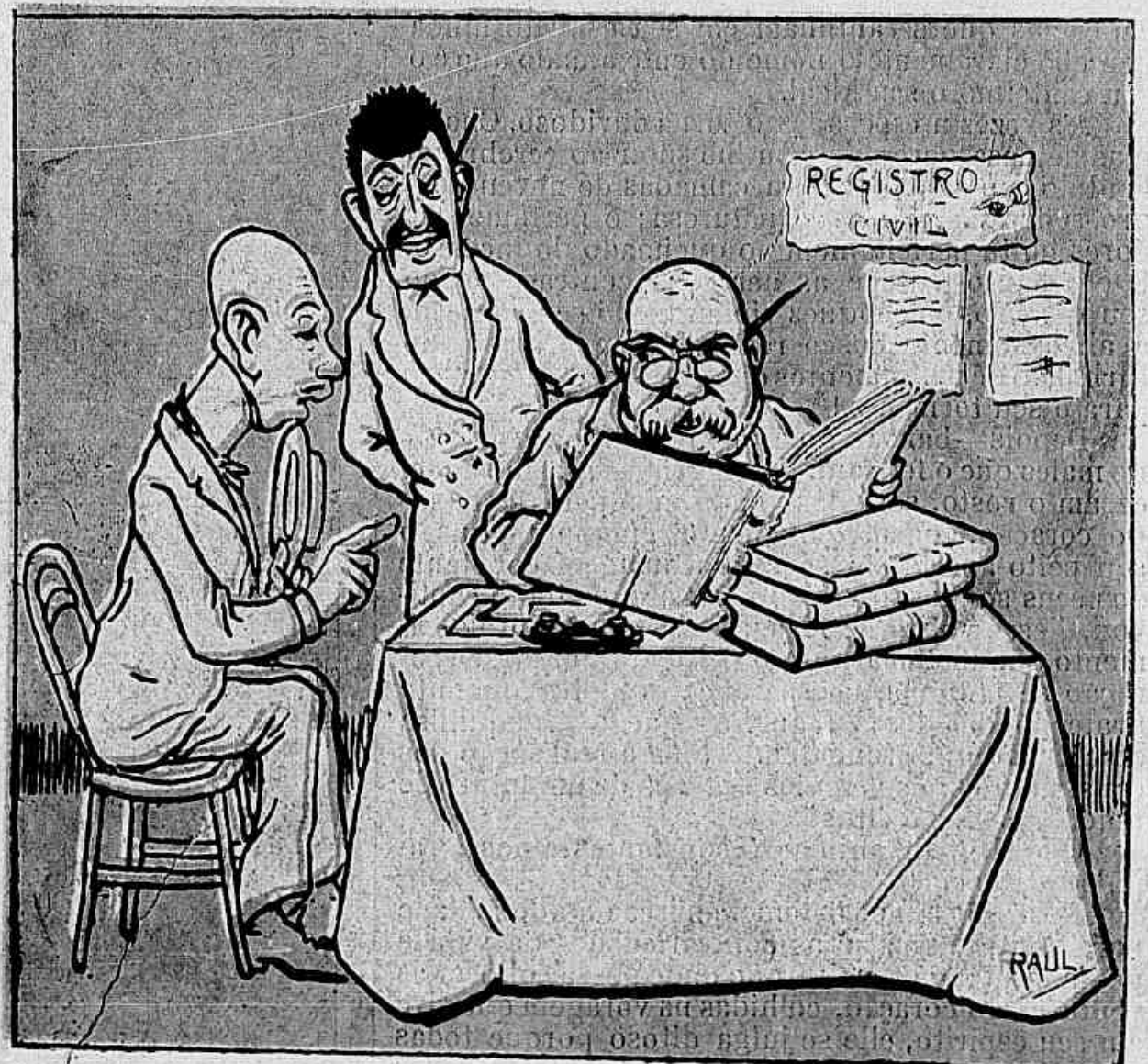
Cicero, o mais assombroso orador desde que ha homens, tinha o máo habito de coçar o nariz com o dedo pollegar a cada passo.

Mirabeau, tão notavel na tribuna da revolução, o unico que chegou a egualar a vehemencia dos antigos, estava sempre a estopetar os cabellos ou a erriçar pregas da guarnição da camisa.

Verguiaud divertia-se com uns guizos que trazia pendurados da cadeia do relógio.

Robespierre, malvado, mas iracundo e forte, tocava com ambas as mãos sobre a taboia da tribuna, como se estivesse sentado a um piano.

Sabida é a balda dos poetas improvisadores, que roem as unhas até o sabugo; mas não tanto se tem reparado em alguns advogados que a falar estão dando pulinhos e até saltos, nem em outros que no mesmo nobre exercicio de sua profissão se embalam e applicam o ouvido, como para escutar o que dizem!



— De que sexo é o pequeno? Masculino ou feminino.
— Não é, nem Marcolino nem Felismino, é Sabastião, que é o nome do pae.

Mas isso são baldas, não crimes, nem erros. Oxalá que todos fossem na oratoria como Cicero e lhes seriam perdoados todos esses ligeiros peccados.

NOTAS RECOLHIDAS

— Seu filho é sempre assim gago?
— Não. E' só quando fala.

Entre bohemios:

— Eu, quando não tenho dinheiro não tenho coragem para fazer cousa alguma...
— Pois eu, quando não tenho dinheiro, faço dividas.

Na Camara:

— O nobre deputado é um idiota!
— E o nobre collega não passa de uma besta. Soam os tympanos. Grande barulho e confusão.

O Fagundes acordando sobresaltado:
— E durma-se com um barulho destes!

O professor a um discipulo:

— Quaes são os ultimos dentes que apparecem?
— Os postigos.

Faber Filho. ✓

AS NOSSAS GRAVURAS

Actualidade brasileira. — ASYLO GONÇALVES DE ARAUJO. O elegante palacio em que funciona o Asylo Gonçalves de Araujo, no campo de S. Christovão, foi inaugurado no dia 30 do mez passado.

Foi construido pela Irmandade do Santissimo Sacramento da Candelaria em virtude do valioso legado de 1.500.000\$ que por morte lhe fez o seu benemerito irmão Antonio Gonçalves de Araujo, para que fosse applicado a uma instituição de beneficencia para crianças desvalidas.

Essa irmandade, recebendo esse legado e juntando a elle patrimonio seu, até então insufficiente para a edificação de um predio, como projectava, e a manutenção de um grande asylo, fez lançar a primeira pedra de mais esse monumento de caridade a 3 de Janeiro de 1897.

Essa obra, que foi contratada por 1.080.000\$ honra esta capital que é uma das cidades que mais instituições de caridade possui.

O ROWING FLUMINENSE. — A bella festa realisada por alguns socios do Club de Natação e Regatas por occasião da inauguração da canoá *Walkiria* forneceu-nos as gravuras que a respeito publicamos. Representam ellas: aquella canoá antes de ser lançada ao mar; a curiosa scena da inauguração da mesma embarcação; um grupo de socios preparando-se para uma corrida em saccos e outro, quando em meio o convescote na ilha do Catalão, descansava sob algumas arvores.

A ILHA D'AGUA. — Bella photographia dessa pittoresca ilha com as suas pequenas casas e luxuriosa vegetação.